

Presidente do BB: temos que renegociar juros.

Os juros precisam ser incluídos na renegociação da dívida externa. É a opinião de Oswaldo Colin, presidente do Banco do Brasil.

— Ou discutimos com os banqueiros até onde podemos ir, ou nos declaramos incapazes de pagar.

Foi o que afirmou ontem em Brasília o presidente do Banco do Brasil, Oswaldo Colin, ao defender a inclusão dos juros no processo de renegociação da dívida externa brasileira, após encontro com o ministro Ernane Galvêas, da Fazenda, que viaja às 23h40 de hoje para os Estados Unidos, chefiando a delegação brasileira que participará da reunião anual do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, que se realizará do dia 25 ao dia 30 em Washington.

O presidente do Banco do Brasil ressaltou que a pretensão do País não inclui o reescalonamento de todos os juros da dívida externa, a serem pagos no ano que vem, no total de US\$ 12,5 bilhões. E explicou:

— Nós devemos dizer: "Olha, nós temos capacidade de pagar os juros de taxa tal". Se essa taxa for superior à capacidade de pagar, vamos negociar a alternativa ou o tratamento a dar ao excedente.

Após encontro com dirigentes de 30 bancos regionais norte-americanos, nas últimas duas semanas, e com diretores do Bank of America e União de Bancos Suíços — sócios do Banco do Brasil no European Brazilian Bank (Eurobraz) —, segunda-feira, Colin afirmou que "existe clima" para discutir a suspensão parcial do pagamento dos juros da dívida externa, embora com a ressalva de que não tem condições de dizer se os banqueiros aceitarão a ampliação da renegociação do endividamento brasileiro.

Para o presidente do Banco do Brasil, ciente do que pode pagar, só resta ao País discutir as fórmulas alternativas para incluir o excesso de encargos financeiros na renegociação da dívida. Entre as opções, apontou a simples capitalização dos juros ou a transformação destes encargos em novos empréstimos:

— Importa é discutir essas várias modalidades e remover esse espectro de crise que envolve o Brasil.

Em sua opinião, mais do que aos próprios banqueiros internacionais, interessa



Galvêas viaja hoje para participar da reunião do FMI

ao Brasil eliminar os atrasos, em seus compromissos externos para fugir ao conceito totalmente desfavorável de País mau pagador. Colin reconheceu que, por enquanto, o Brasil só pode sentar-se com os banqueiros e apresentar proposições concretas, "até porque enquanto estivermos discutindo, ninguém nos declara em default".

No caso dos bancos regionais norte-americanos, de crescente importância como fonte de recursos para o Brasil —

"muitos com ativos superiores a US\$ 10 bilhões" — Colin destacou que os dirigentes dessas instituições reclamavam justamente por não ter oportunidade de discutir os problemas econômicos brasileiros, o que foi resolvido em parte com a indicação de coordenadores regionais, auxiliares dos grandes bancos integrantes do Comitê de Assessoramento da Fase 2 da Renegociação da Dívida Externa.

Galvêas manterá amanhã em Nova York uma demorada reunião com esse comitê, confirmaram fontes do Ministério da Fazenda. Na reunião, ele estará acompanhado do presidente do Banco Central.

Antes de viajar, ontem, para o Rio, o ministro da Fazenda foi mais uma vez enfático na afirmação de que ainda não há um número definido quanto à necessidade de novos recursos para o fechamento do balanço de pagamentos deste ano e do próximo. Tudo dependerá da reunião de amanhã com os banqueiros que, como já previu Pastore, poderá resultar num entendimento final sobre a fase 2 da renegociação da dívida.

Na área técnica do Ministério da Fazenda, dá-se como certo que Galvêas insistirá com os banqueiros na necessidade de rolar pelo menos parte do pagamento de juros.

Uma fonte da área financeira, ouvida ontem por telefone, confirmou que entre os próprios banqueiros já existe um clima de compreensão quanto a essa proposta. Porém, o presidente do Banco de Montreal, William Mulholland, que é membro do comitê assessor de 14 bancos e almoçou com Galvêas segunda-feira, foi lacônico sobre essa questão:

— O que está em discussão é o principal.